

Férias

Saí para a varanda do pequeno hotel de Gandía e acendi um cigarro. Tinha acabado de tomar duche e sentia-me calma e relaxada. Observei o fumo a ondular e pensei que devia deixar de fumar e aproveitar para poupar, mas, em vez disso, dei uma passa que me atravessou o corpo todo e me chegou aos pés. Começava a tornar-se um hábito dizer coisas para comigo e depois não lhes dar a mínima importância.

Apoiei-me no varandim e desejei não ter de voltar à realidade quando amanhecesse. Ouvia-se as ondas do mar ao longe e a Lua ia deixando o seu reflexo na água. Ali tudo era assim, simplesmente bonito. Sem preocupações, sem duplos sentidos. Só agradável. Quem me dera que aquela noite durasse muito tempo. Não me sentia preparada para regressar e enfrentar o que me esperava.

No início, aquelas férias pareceram-me uma má ideia. Toda a gente me disse que passar dez dias sozinha depois do que acontecera só serviria para eu dar voltas à cabeça sem parar. E a verdade é que, com todos os factos mais do que consumados, não fazia sentido pensar muito neles. Tinha dado o meu casamento por perdido, apaixonei-me por um desses homens que não nos convém e decidi separar-me. Bem... na verdade, teria sido melhor pensar antes de agir.

No entanto, contra todos os prognósticos, fora maravilhoso estar sozinha, desde a viagem de comboio até àquela noite, talvez porque continuava sem me arrepender das decisões que tomara, apesar de a forma como o fizera ter sido pouco «elegante». Se tivesse de mudar alguma das coisas que fiz... mudaria apenas a ordem.

Inevitavelmente, tinha levado comigo na bagagem algumas coisas sobre as quais precisava de pensar. Vítor. Claro que sim. Um Vítor que ocupava tudo e que não me deixava pensar em mais nada.

«Fico à espera de que me liguês, Valéria, mas não esperarei eternamente.»

Até sonhava com ele e, nos meus sonhos, nunca ligava no momento indicado.

Não sabia nada dele desde o dia em que nos beijáramos à porta da sua casa e, apesar de estar contente por me manter firme naquele distanciamento, ficava nervosa ao pensar se aquilo tinha sido algo pontual ou se a nossa história era apenas o que acontecera até então.

Vítor. Valha-me Nossa Senhora. Que portento! Ainda me dava a volta à cabeça lembrar-me dele nu entre as minhas pernas, fazendo-me gemer de prazer, levando-me à loucura. Vítor tinha aquele poder; deixava-me atordoada. E não só na cama. Mas era tão recente a decisão de me separar de Adrián... não conseguia deixar de sentir remorsos por desejá-lo tanto. Adrián, sim, ligara-me algumas vezes para saber como eu estava e quando é que o meu livro seria publicado.

Bem... o meu livro. Sim, esse livro que escrevi sobre os últimos meses da minha vida e da das minhas amigas. Aquilo ia trazer-me problemas. Sabia que muitas pessoas não estavam preparadas para se verem refletidas daquela maneira em algo que acabaria por estar à venda nos escaparates das livrarias. E eu precisava que vendesse muito, porque, agora que Adrián já não vivia lá em casa, as despesas estavam todas a meu cargo. Mas será que ele ia compreender que eu o expusesse daquela maneira? Claro que eu tivera o cuidado de não usar o seu nome verdadeiro, mas, para quem nos conhecia, seria mais do que evidente...

O meu editor, agente, ou lá o que José é, tinha-me ligado no mesmo dia em que eu chegara de férias para me dizer que tinham decidido publicar o livro quanto antes. Já o tinham paginado e estava em processo de revisão. E isto tudo em... quê? Em semanas. Não deixava de me surpreender.